



TOCA,
RAUL...



Um pouco de

Cada arte...



*
O.A.
SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

OLHOS DE SANGUE

Todo mundo parado! — gritaram os policiais, ao arrombar a porta do galpão abandonado.

— Vá, mate-a logo! Mate-a agora! — bradou um dos assassinos. Mas, antes que o punhal alcançasse o peito da criança, uma justa bala estilhaçou o pulso do criminoso, que caiu abraçando o próprio braço macerado. Os outros cinco sectários, aturdidos, lançaram-se ao chão e encostaram-se na parede imunda.

— Protejam as vítimas! Vão ver se as crianças estão bem. Vão, vão, vão! — ordenou o capitão da operação de resgate.

Tudo estava muito escuro e o negrume só era cortado pelas fétidas velas do ritual macabro e pelas lanternas dos policiais.

— Capitão, o que é aquilo? — perguntou um deles, apontando o dedo.

— O quê?... — disse o capitão, sem entender seu assombro.

No improvisado altar de sacrifícios, sobre os dois corpos já sob o frio da morte, vislumbraram uma forma de costas, com uma corcunda que quase lhe escondia a cabeça e o resto do corpo. A pele pútrida e asquerosa, num marrom irregular com tons esverdeados, cobria a criatura nua que, agachada sobre a ara satânica, mexia-se lentamente. Ela se virou para os recém-chegados: um demônio! O couro repulsivo de seu rosto enrugado por pouco não cobria dois olhos de uma escuridão profunda e vazia. Suas orelhas eram pontudas e tinha um nariz atarracado como o de um bisão. De suas sobrancelhas nasciam dois chifres curvos e compridos para trás. Ao fitar os policiais, seus olhos tornaram-se rubros como um sangue vivo e pulsante.

— Atirem! Atirem todos! — bradejou o capitão.

Os policiais, assustados, dispararam. O demônio escudou o rosto com o braço esquerdo, lançou o corpo na direção dos policiais e rosnou num grave abissal. Então relançou a forma corcunda para trás e desapareceu em uma fumaça negra e densa, que se dissipou no ar.

Com seu desaparecimento, os satanistas cortaram as próprias gargantas, à exceção de um deles, que foi detido pelos policiais. Aquele que foi baleado esgotou até a morte, afundando a face no próprio sangue.

Assim foi que a polícia impediu a morte de quatro crianças. Das seis desaparecidas, duas já haviam sido sacrificadas.

Um único sectário sobrevivera. E ele foi levado à delegacia para ser interrogado.

— O que vocês estavam fazendo lá? E o que era aquilo? O que era aquilo em cima das crianças mortas?!

— Não adianta, capitão — interrompeu o policial. — Ele parece estar hipnotizado. Veja como ele olha para o nada e não esboça reação. Daqui a pouco voltamos para falar com ele. Dê um tempo, pois quem deve interrogá-lo é o delegado.

— Ele tem, sim, um sorriso velado... Ele está debochando de nós!

— Espere o delegado.
— Que delegado, que nada!
— Venha, capitão. — insistiu o policial, puxando-o pelo braço.

Fora da sala de interrogatórios, o capitão pareceu se acalmar. Mas, num descuido do policial, ele sacou de uma faca e, num ímpeto, reentrou na sala.

— Vamos ver se ele não acorda do sono!

Puxou o braço do secretário, estendendo sua mão na mesma, e cravou ne-la a

fa c a
c o m
muita força. O
outro urrou de
dor.

— Ah! O quê?! Ah! Por que o senhor está fazendo isso?! — exclamou, parecendo livrar-se de um transe.

— Seu animal asqueroso! E você ainda pergunta por quê?

— Calma, capitão! Calma! — gritou o policial, mas o capitão o lançou para fora da sala e trancou a porta. Voltou-se ao satanista, agarrando-o pela gola da camisa.

— O que você acha que estava fazendo ao matar crianças?! Crianças!

— Eu não tive escolha...

— Como não teve escolha?

— Não tive. O senhor não sabe como é fitar sozinho aqueles olhos vermelhos... O senhor também os viu...

— Diga, então!

— Eu não posso...

Ao ouvir a resposta, o capitão afundou a faca ainda mais em sua mão e, com um golpe do próprio punho, fraturou o pulso da mão que sangrava. O choro agora misturava-se aos gemidos de dor e ranger de dentes. Lá fora, tentavam arrombar a porta para impedir o capitão, mas ele a travou com uma cadeira.

— Você ainda tem muitos ossos...

— Não, por favor!... — clamou o secretário, interrompendo a lamúria.
— Desembuche!

— Eu lhe direi tudo, senhor. Só não me bata mais...

— Covarde! Você teve a mesma piedade com aquelas crianças estripadas?! Teve?!

Debruçado sobre a mesa, o criminoso agonizava uma dor incessante.

— Ouça-me, senhor — balbuciou. — Depois o senhor pode fazer o que quiser de mim. Apenas ouça.

— Sou todo ouvidos.

de Deus. Aqueles que lutaram com os anjos e se retiraram para se tornar mais fortes. Com celestiais submissos ao Criador disputarão o mundo e vencerão! Pois tudo o que sobra da vida é a morte. O meu senhor é o Anjo da Morte, que veio preparar o mundo para um senhor maior ainda, o mais majestoso dos anjos. Disse-me, depois de todas as revelações: “Aquele que me for fiel e me prestar os antigos sacrifícios terá meu favor no fim do mundo.” Contou-me do Príncipe...

— Que príncipe?

— O maior anjo, o Anjo da Luz. Aquele que não mais será príncipe, mas rei!

— Seu imbecil, você está delirando?

— Não, capitão, talvez o senhor esteja... Como é que o senhor vai explicar o que viu no altar e que desapareceu diante de todos como fumaça? Desperte do sono da mentira, capitão! Veja que o fim está próximo. É apenas quem estiver do lado certo viverá... Esteja com os mais fortes. Não há mais tempo para erros; não haverá outras gerações depois de nós. Pois seremos nós a testemunhar o julgamento final, em que não haverá juiz, mas será olho por olho, dente por dente. O fim está tão próximo que o meu senhor já pode sentir a presença do Príncipe. Olhe ao seu redor: em tudo o mal prevalece. Não se engane. O mal é a própria essência do homem. É ao mal que recorremos nos momentos de fúria, é o mal que controla nossas reações. No mal encontramos a resposta para o que tanto procura nossa alma, em vão. O mal clama sangue!

— O único sangue que vai haver aqui é o seu, insano!

— Então, o senhor não aceita o meu convite...

— Vá para o inferno com suas loucuras!

— Vamos todos...

O capitão percebeu que já não mais tentavam arrombar a porta. Todas as lutas se apagaram. Já não conseguia entender, o tempo parecia alterado. A única luz acesa era a que estava bem acima da mesa de interrogatório. Abriu a porta e nada viu, nem ninguém. A escuridão dominava tudo.

— O quê? Onde está todo mundo?

— Meu caro capitão... — voltou a falar o secretário, tirando lentamente a faca de sua mão e lambendo o sangue que dela escorria. — O sangue é vida, e é morte, e é poder neste mundo. Há o sangue inocente e o perverso, o novo e o velho, o doce e o amargo. Qualquer sangue humano fortalece e agrada meu senhor. Mas precisamos de mais. Principalmente o sangue forte e o da raiva, como o de um policial violento como você... Veja por si próprio qual é o terror dos olhos vermelhos. Veja como tudo agora se resume a olhos de sangue.

Ao olhar para trás, o capitão viu o vulto do demônio. Das sombras surgiram dois olhos vermelhos e malignos; a luz agora delineava a forma grotesca do demônio, que lhe falou num timbre profundo e escuro:

— Vós, humanos, estais com os dias contados...



Ilustração de Adam Romuald Kłodecki

Existem coisas que estão além da nossa compreensão e poderes muito superiores à ciência do homem.

A agitação da delegacia pareceu cessar e um silêncio tumular dominou a sala.

— Aonde quer chegar com isso, patife?

— Como bibliotecário-chefe da Universidade Nacional, sem querer tive acesso a livros raros, que não circulam por aí. Tais livros estavam perdidos havia séculos em prateleiras empoeiradas e sujas, longe das mãos dos homens. Selado,

um deles guardava um conhecimento oculto e ancestral, que inadvertidamente reavivei. Foi nesse momento que percebi que o senhor de minha alma já tinha planos para mim e havia me escolhido. Falou comigo pelas páginas de seu livro: assim aprendi como invocá-lo e estar em sua presença. Contemple, capitão, que o senhor de minha alma é muito poderoso neste mundo! Ele me chamou para si e me revelou a verdade, como poucos na história puderam conhecê-la. Este mundo está condenado desde sua criação, e quem o herdará não serão os homens, mas aqueles que caíram na graça

Palavra



“O espetáculo do mundo nos oferece frequentemente cenas de violência e intolerância, nascidas de preconceitos que querem se impor pela força, na ausência de questionamentos e, sobretudo, do exercício da razão.”

RENÉ DESCARTES

NASCIDO EM LA HAYE EN TOURNAINE (ATUALMENTE DESCARTES), FRANÇA, EM 1596, O FILOSOFO, FÍSICO E MATEMÁTICO, AUTOR DE “DISCURSO SOBRE O MÉTODO”, “GEOMETRIA” E “PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA”, DENTRE OUTROS, MORREU EM ESTOCOLMO, SUÉCIA, EM 1650.



Cultura! é uma publicação do jornal OExtra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE

EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO

DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

=descartes

Poesia

Vinicius Augusto Alves Ranulfo da Silva
estreia no caderno *Cultura!*
com poema para Descartes

VINICIUS AUGUSTO ALVES RANULFO DA SILVA

La fin de la vie d'un génie

A

Holanda era agora meu novo lar
Pois na França não conseguia me concentrar
Da mãe de minha filha eu queria correr
E deixar minha pequena o mundo conhecer

Casamento não era algo que eu pensava
Entretanto, uma filha eu amei ter
Porém, uma febre tirou o que eu mais amava
E aos cinco anos ela veio falecer

Essa notícia muito me entristeceu
Mas, em meus pensamentos Deus sempre existiu
As crenças de meus sucessores ficavam em segredo
Contudo, revelei a minha sem medo

Cristina, a rainha
Me pediu um favor,
Pensamentos filosóficos eu tinha
Então, me pediu para ser o seu tutor

Minha nacionalidade havia mudado
Sueco eu virei
E como a rainha queria estudar de madrugada
Pneumonia eu peguei

Os meus restos mortais foram mudados de lugar
E em Paris eles estão
Para todo mundo contemplar
Recebendo total admiração

E na Suécia foi onde tudo acabou
O último vento de vida soprou
E assim minha existência termina
Com o pensamento mais famoso de minha vida:
Penso, logo existo.

*

VINICIUS AUGUSTO ALVES RANULFO DA SILVA

É ESTUDANTE DO 5.º PERÍODO DE ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE, EMSÃO BENTO DO SUL (SC)



História

“Em pouco tempo, atingiu uma notoriedade e um respeito enormes do público jovem. Rapidamente identificado com suas palavras. Solapou jovem guarda, tropicália, bossa nova e afins”

EU VIVI HÁ TRINTA ANOS ATRÁS



ZÉ RENATO

Vozes eufóricas, gritos, urros, brados... Garrafas de vinho barato, cachaça, latas de cerveja circulavam livremente; de forma fraternal, iam de boca em boca; cigarros também faziam o mesmo movimento, eventualmente, baseados.

Extase! Dionísio presente.

Acabara há pouco mais uma apresentação. Deixava o palco, cansado, um misto de Genival Lacerda, Elvis e Jerry Lee, o baiano mais norte-americano, britânico do mundo: o velho Raul.

Saudado de forma ensandecida e messiânica pelo público.

Encostou sua Gibson 375 no pedestal, sentou-se com um copo de cerveja. Enquanto refestelava-se, sorvendo grandes goles do líquido, enxugava o suor com uma pequena toalha que lhe fora entregue por um membro da trupe.

Observei-o por alguns instantes. Vieram à cabeça muitas coisas, como um filme.

Recordo-me de sua primeira aparição para o grande público: “estourou” em 1973, com a música *Ouro de tolo*, uma espécie de prenúncio do rap, com uma harmonia meio brega, uma poesia poderosa e cortante como letra. Cada verso uma porrada.

Assim começou tudo.

Em pouco tempo, atingiu uma notoriedade e um respeito enormes do público

juvenil. Rapidamente identificado com suas palavras.

Solapou jovem guarda, tropicália, bossa nova e afins. Lembremos: o Brasil era carente de rock. Sim, tínhamos as bandas O Terço, Terreno Baldio e Joelho de Porco, todavia, não chegavam à maioria do público. Os Mutantes viviam seu eclipse.

Era uma voz diferente. Falava de tudo e de todos. Todavia, ia muito além.

Não me contive, criei coragem, aproximei-me.

Para espanto, ninguém barrou minha subida ao palco.

Fiquei frente a frente com Raul.

Alguns segundos em silêncio... Perguntei:

— Tudo bem, Raul?

— Beleza — respondeu.

— Podemos conversar um pouco? — disse-lhe.

— Lógico. Senta aí.

— Qual é a sensação de ser um ícone, a maior voz desse público?

— Cara, não vejo dessa maneira. Não tenho essa pretensão. Apenas componho e canto aquilo que penso e sinto.

— Se o público gosta, melhor.

— Veja, depois de trinta anos, refleti acerca de tudo que fiz e vivi.

— Como assim?

— Não estou mais aqui.

— Que que cê tá falando, mano?

— Já estou em outro plano. Você não percebeu? Lembra da Metamorfose ambulante?

Pois é...

— Como assim?

— Faz trinta anos que parti.

— Raul, estou meio confuso...

— Hoje verifico que mudaria algumas coisas.

— Quais?

— Não deveria ter cometido tanto abuso, de álcool, drogas.

— Entendo.

Encostou sua Gibson 375 no pedestal, sentou-se com um copo de cerveja. Enquanto refestelava-se, sorvendo grandes goles do líquido, enxugava o suor com uma pequena toalha

— Você andou conversando com Nietzsche?

— Verdade. Já o lia. Agora conversamos.

— Sobre o quê?

— Não adianta insistir. Não estamos autorizados a falar do além.

— Há uma grande herança deixada. Você sabe.

— Verdade. Constatou que antigos detatores, hoje, reconhecem meu trabalho. Com alguns, os quais critiquei, hoje sinto-me reconciliado. Por exemplo, Caetano Veloso. Fico feliz e em paz.

— Com o Paulo Coelho você pode fazer as pazes em vida.

— Graças ao Marcelo Nova. Marselhesa é um grande cara. Ao contrário daquilo que muitos dizem. Injustamente. Fodam-se eles. Perdão. Esqueço que não posso mais blasfemar.

— Foda-se. Você pode. Você é o Raul. Sempre será.

— Valeu, mano. Suas palavras me tranquilizam. Me fortalecem. Percebo que meu trabalho não foi em vão.

— Óbvio que não. Você é gênio.

— Perdoe-me. Preciso voltar. Há uma jan programada com o Elvis, com Lenon e o Muddy Waters. Talvez o Brian Jones, a Janis, o Jimi e o Jim. Preciso me retirar.

— Vai em paz, irmão. Dê um grande beijo em todos.

— Muito obrigado. Será dado.

— Não sei se acordei, se dormi, se sonhei. Talvez, tenha nascido há dez mil anos atrás...

Por via das dúvidas: TOCA RAUL!

— Desculpe, talvez não entenda. Mas hoje eu vou lhe mostrar. Quando comecei, influenciado pelo rock and roll, pelo forró, não sabia muito bem o que fazia, onde daria tudo isso. Foi tudo muito rápido... A fama, a fortuna, o estrelato e o exílio. Falhei como pai, como marido, como amigo... Errei muito.

— Calma aí Raul, você deixou um grande legado, uma grande obra, verdadeiras riquezas poética e musical.

— Isso é ilusório... Sinceramente, espero que permaneçam minhas mensagens de força, de fé, de vontade, de solidariedade, de desejo de mudança, de crença no humano, porém, daquele humano, para além do humano, distante das mediocridades, das mesmices, da burrice, entendeu?